

Mídia e História: o SUPREMO poder da DEMOCRACIA

Media and History: the SUPREME power of DEMOCRACY

Medios e Historia: el poder SUPREMO de la DEMOCRACIA

Adriana BARSOTTI¹

Ana Paula G. de ANDRADE²

Denise TAVARES³

Larissa MORAIS⁴

Pedro H. Conceição dos SANTOS⁵

“Qualquer discurso sobre um acontecimento veicula, conota uma série de acontecimentos anteriores, o que dá total importância à trama discursiva que os religa dentro de um enredamento”, aponta François Dosse (2013, p. 85), em sua proposta de investigar o que considera uma nova articulação entre história e acontecimento. Para o autor, trata-se de uma reviravolta que não afeta exclusivamente a disciplina história e sim atravessa todas as ciências humanas. Independente de concordar com ele ou não, o fato é que Dosse dedica a última das três partes dessa sua obra à discussão do acontecimento na era midiática, cuja marca inicial ele credita, ecoando seu colega Pierre Nora, ao emblemático maio de 1968: “Longe de ser uma relação de externalidade, as *mass media* participam plenamente da própria natureza dos acontecimentos que elas transmitem”, enfatiza Dosse (2013, p. 260), recuperando o quanto a imprensa – em especial – foi decisiva para que os protestos estudantis que

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (UFF) e do Departamento de Comunicação Social da UFF. E-mail: adrianabarsotti@id.uff.br. Orcid: 0000-0002-7834-9937

² Professora do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (UFF) e do Departamento de Comunicação Social da UFRRJ. E-mail: goulartdeandrade@gmail.com Orcid: 0000-0003-0414-1305

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (UFF) e do Departamento de Comunicação Social da UFF. E-mail: denisetavares51@gmail.com. Orcid: 0000-0001-5692-7356.

⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (UFF) e do Departamento de Comunicação Social da UFF. E-mail: larissamorais@id.uff.br. Orcid: 0000-0001-6906-1635

⁵ Pesquisador bolsista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). E-mail: pedrohenrique.cdossantos@gmail.com. Orcid: 0000-0002-2921-9861



tomaram Paris e depois ganharam adesão dos trabalhadores se alastrassem por toda a França.

Lembrar desses acontecimentos e da própria discussão do que realmente seja um “acontecimento” pelo olhar de um historiador não estava no horizonte da Revista Mídia e Cotidiano quando divulgou que sua última edição de 2025 seria dedicada à relação da Comunicação e Memória. A despeito de ser uma temática que reconhecia como um campo fértil de discussão, principalmente pela abordagem definida pelas três editoras convidadas – Ana Paula Goulart Ribeiro, Izamara Bastos Machado e Rachel Bertol, pesquisadoras com larga dedicação à temática – o fato é que tudo foi surpreendente desde a divulgação da chamada. Primeiro, destacamos o número generoso de artigos enviados, cuja excelência nos motivou a desdobrar o dossiê em duas edições, algo inédito na história da Revista. Depois, o próprio contexto brasileiro, desenhado por situações inéditas como o julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal, de um ex-presidente do país, juntamente com um grupo de militares de alta patente e outros civis, por tentativa de Golpe de Estado.

Como a história registrou e a memória recente ainda comemora, esse julgamento consolidou um grande esforço pela manutenção da Democracia do país. Um esforço que dependeu muito da firmeza de pelo menos quatro dos cinco juízes que compõem a Primeira Turma desse Tribunal, a que foi incumbida do julgamento. E o mais importante é que a mídia, vivenciando seu papel cidadão, também contribuiu para que ampla parte da população brasileira acompanhasse esse acontecimento histórico, ao transmitir ao vivo o voto de cada integrante. Não à toa, no dia seguinte ao veredito, frases e fotos dos juízes tomaram as capas dos jornais e se espalharam largamente pelas redes sociais. História construída e memória gestada pelos múltiplos posicionamentos sobre o julgamento inédito. Pronto: esse momento marcante seria a foto da capa, decidiram os editores da Revista, em comum acordo com as editoras do dossiê.

Não foi. O que não diminui, evidentemente, o que ocorreu. No entanto, acabou sendo impossível não destacar e assim registrar – agora, na história da Revista – a multidão tomando as ruas em defesa da Democracia plena, aquela que não é só política, é também dignidade e resultado da participação efetiva da população. E foi isso que ocorreu em 21 de setembro de 2025: convocado a mostrar sua indignação frente a uma decisão absurda do Congresso Nacional, que aprovava mais um dispositivo de autoproteção que ficou conhecido como “PEC da Blindagem”, o povo foi às ruas. O



gesto, que até há pouco parecia totalmente improvável, provocou uma guinada política que resultou no “enterro” da nefasta decisão.

Como um periódico científico que se dispôs a contribuir com uma das discussões que mais impactam o seu campo de atuação, a *Mídia e Cotidiano* não se desviou, portanto, de mais essa articulação entre Comunicação, Memória e História que a foto da capa traduz. Criou, deste modo, um espaço de diálogo pautado pelo simbolismo da imagem que traduz, a seu ver, a força mobilizadora da Democracia, essa que permite a expressão genuína do posicionamento de quem tomou as ruas. Trata-se de uma escolha que desvela muito do que os artigos que compõem a primeira parte do Dossiê desta edição oferece. São textos que abordam as múltiplas faces da memória, sempre em perspectiva com o cotidiano midiático em que a sociedade atual está tão fortemente inserida. Neste sentido, agora detalhando um pouco mais a edição, vale muito iniciar a leitura pelo Editorial, pois este ultrapassa a chamada ao discutir, em profundidade, as implicações e desafios que a leitura dos oito artigos selecionados oferece.

Em seguida a edição se completa com a Seção Livre que inicia com o texto *Montagem, anacronismo e comunicação: notas metodológicas a partir de Aby Warburg e Didi-Huberman*. Nele, Rodrigo Portari propõe que a montagem possa ser um procedimento metodológico aplicável às pesquisas da área comunicacional. Partindo da ideia de que “uma imagem leva a outra”, o autor investiga a lógica causal das imagens através dos tempos fragmentados de temporalidades que, certas vezes, são, inclusive, anacrônicas. Compreendendo tanto a chave do tempo quanto a da memória, Portari desenvolve como a montagem age de maneira metodológica, assumindo uma articulação entre temporalidades heterogêneas e destaca a potência desse procedimento criativo na produção de sentidos que circulam no cotidiano midiático, apontando inúmeras outras possibilidades que a montagem pode assumir do ponto de vista metodológico, tensionando epistemologicamente os regimes de visibilidade e de historicidade.

Já em *Vitrine e território: estudo sobre uma vitrine de dermocosmético na capital do Espírito Santo*, Flávia Mayer dos Santos Souza e Melissa Barbosa Peixoto realizam um estudo a partir da semiótica para entender de que forma as vitrines de lojas podem realizar um fenômeno de engajamento dos clientes ou do desenvolvimento do sentimento de exclusão, diante da realidade brasileira de desigualdades sociais. Percebendo como existem certas mobilizações que atravessam a produção discursiva dos cenários semânticos, as autoras articulam a ideia de como as vitrines criam



diálogos com os passantes, em uma possível estratégia de criação relacional entre consumidor e produtos, no caso, dermocosméticos. O setor é um dos mais crescentes no mundo e no Brasil ganha destaque. Se a vitrine é o reflexo das transformações do consumo ao longo da história, as narrativas produzidas através dela podem deixar pistas, inclusive, de aspectos territoriais, a exemplo de festividades, como trabalhado ao longo do artigo.

Fechando a seção, o texto das autoras Andréa Pereira dos Santos e Rose Mendes da Silva estabelece uma relação entre o conceito de autocomunicação e as práticas de *podcasts*, tentando defender como que a modalidade sonora de conteúdo sob demanda tem potencial para funcionar como um dispositivo eficaz no enfrentamento à desinformação, dando protagonismo às camadas invisibilizadas da sociedade. Para tanto, o artigo *Autocomunicação e podcast: no caminho do contrapoder* é estruturado com base no conceito de comunicação de massa proposto por Manuel Castells, além da revisão de bibliografia sobre as teorias da comunicação, estudos sobre *podcasts* e contrapoder. Trata-se de uma travessia na qual as pesquisadoras assumem a proposição do *podcast* como antídoto ao silenciamento das minorias já que há, para elas, a reconfiguração da paisagem sonora que resulta, entre outras alterações, na promoção de espaços mais plurais de longo alcance e baixo custo para o debate público.

Finalmente, completando esta edição, a Revista Mídia e Cotidiano publica uma entrevista e uma resenha que dialogam com o dossiê temático. Na entrevista, realizada por Luciana Amornino e Anna Cavalcanti, a pesquisadora alemã-canadense Katharina Niemeyer reflete sobre sua própria trajetória intelectual e afetiva nos campos da teoria da mídia, da memória e das temporalidades, em especial no que se refere às relações entre nostalgia e solastalgia. As entrevistadoras explicam que nostalgia é uma modalidade afetiva específica de engajamento com o passado que não se reduz à lembrança. Já o termo solastalgia foi criado para descrever uma sensação de perda ligada à mudança ambiental, mas não necessariamente à crise climática.

Katharina Niemeyer explica: “Pode ser a chegada de uma indústria química, por exemplo, que muda completamente a paisagem. No Brasil, poderia ser o desmatamento. Ou o colonialismo (...). Quando as pessoas chegam num lugar e dizem ‘isso é meu’, ignorando tudo o que já existia ali. A diferença central entre nostalgia e solastalgia é essa: a primeira está ligada a uma distância física e temporal; a segunda à permanência no lugar durante a perda”. Ao refletir sobre sua formação e experiências acadêmicas e pessoais, a pesquisadora articula saberes filosóficos e sensíveis para



pensar como as mídias moldam modos de lembrar, esquecer e sentir na contemporaneidade. A conversa também trata do projeto Solastalgies Créatrices, realizado nas Ilhas Magdalen (Canadá), onde Niemeyer investiga, com parceiros e a comunidade local, formas de narrar perdas ambientais e afetivas por meio de práticas participativas de memória.

Já na resenha, Felipe Quintino aborda o estudo das cartas e as conexões editoriais no livro *Correspondência: amor, política e literatura*, da professora Isabel Travancas. Na nova obra, a autora investiga as dimensões amorosas, literárias, editoriais e políticas das cartas, a partir de uma abordagem antropológica e de uma etnografia dos documentos. Travancas comprehende as correspondências em gestos de experiências e atos comunicacionais em diferentes contextos sociais e fluxos de circulação, como em redes sociais e espaços públicos. As abordagens envolvem as estratégias discursivas do gênero epistolar, as características formais, os aspectos literários e históricos, as potencialidades de memória e as redes de sociabilidade. É possível constatar como as cartas abrem oportunidades de discussões variadas, permitindo investigações e leituras de momentos históricos.

Fecha-se, com essa edição, mais um ano da Mídia e Cotidiano. A expectativa, como sempre, é que essas leituras contribuam para a compreensão de nosso momento histórico e da memória que estamos criando sobre ele. Afinal, o investimento nesse projeto está fortemente cimentado no reconhecimento da importância da circulação e compartilhamento das discussões e reflexões da área pois, como bem lembra Braga (2012), a midiatização dos processos sociais modificou o modo como a sociedade se organiza e se percebe. O que, obviamente, nos inclui.

Referências

- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In JANOTTI JR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda. **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012, p. 31-52.
- DOSSE, Francois. **Renascimento do Acontecimento**. São Paulo: Ed. Unesp. 2013.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.